

Não se pode dar asa a cobra; que ela voa e morde a gente

Os economistas anglo-saxões associaram a inflação à mitológica figura do dragão, certamente por imaginarem que o fogo que expelia pela boca destruiria o valor das coisas, como ativos e salários. Logo perceberam que não era inteligente derrotá-lo, mas apenas tentar subjugá-lo, pois uma criatura poderosa, sob controle, poderia ser útil. Como se sabe, os dragões imaginados por culturas milenares nunca foram encontrados, mas a inflação está presente na história da humanidade desde que o sal era utilizado como termos de troca.

O brasileiro nunca teve dúvida quanto à inexistência de dragões, mas os economistas locais, menos criativos ou mais malemolentes que os outros, traduziram o *inflation dragon* ao pé da letra e o introduziram no jargão econômico doméstico. É uma pena, pois a nossa cultura popular é muito rica. A mula sem cabeça expele fogo pelo pescoço, que é ainda mais extraordinário. O boitatá é uma cobra de olhos enormes, que assopra labaredas fosforescentes pelas ventas, tudo para proteger a mata dos malfeitos do homem. Podia-se muito bem resgatar o folclore tupiniquim para manifestar, com tempero local, o nosso sentimento diante da perda financeira que ela nos impõe. A mula sem cabeça e o boitatá também nunca tiveram a sua existência comprovada nos estudos arqueológicos, mas desde que os tupi-guaranis flagraram os primeiros portugueses por aqui, em plena praia, já havia um broto de IPCA na *terra brasilis*.

Há anos que a inflação não tem sido um tema premente no Brasil. Algumas gerações de brasileiros desconhecem as inflações mensais de dois dígitos, tão comuns nas décadas de oitenta e noventa. De 2003 a 2010, período que durou os dois mandatos do ex-presidente Lula, pode-se dizer que os índices de preço tiveram uma trajetória favorável, independentemente da concordância ou discordância da política econômica adotada. O presidente recebeu um IPCA rodando a 12,5%, em 2003. Ao final desse mesmo ano, o índice caiu a 9,3%. Nos três anos seguintes, a inflação também só recuou: 7,6% em 2004, 5,7% em 2005 e atingiu a mínima de 3,1% em 2006. Daí para frente, alívio e angústia se alternaram: 4,5% em 2007, 5,9% em 2008, 4,3% em 2009 e 5,9% em 2010.

Se essa alternância fosse um desígnio petista, haveria uma trégua na alta dos preços em 2011. Contudo, transpostos apenas três meses do ano, o boitatá começou a preparar o bote. Metade dos mitológicos 4,5% já foi consumida, segundo as contas do IBGE. Até o Banco Central desistiu de crer na predestinação da presidenta, pois conhece o risco de o IPCA superar a marca do ano passado, ou mesmo ficar acima do teto (6,5%), o irmão mais velho da meta (4,5%). Se o primogênito bater na irmã mais nova, o Banco Central ficará na incômoda situação de ter de se explicar ao Planalto.

Hoje o desafio dos vigilantes dos preços é trazer de volta, a partir de 2012, a sensação de alívio, perdida já faz algum tempo. Há um misto de precaução, prevenção, premonição e pretensão do mercado ao nutrir tanta desconfiança. Mas o mundo financeiro vive do futuro. O que vê no horizonte é um país que segue crescendo a um ritmo normal,

prudencialmente regulado por freios fiscal e monetário, e um mercado de trabalho que dá sinais claros de escassez de oferta de mão-de-obra. Além disso, a banca privada e pública, caso tenha liberdade para isso, ampliará ainda mais a concessão de crédito, os empresários prosseguirão com seus projetos de investimentos e os governos darão continuidade a suas obras de infra-estrutura.

No quadro externo, as dúvidas também se multiplicam, mas o viés é negativo para os índices de inflação. O julgamento pode parecer precipitado, mas há presságios que, de fato, as perspectivas não são boas. O mundo segue hostil, por mais que o meio financeiro veja o contrário. A alardeada recuperação da economia americana não tem eco nos indicadores básicos. Após dois anos e meio da *débâcle* do sistema financeiro americano, a produção de bens e serviços não voltou sequer ao patamar anterior. A situação econômica na Europa é semelhante, com o agravante de carregar o risco de insolvência nas dívidas soberanas de países membros. Por fim, a trágica situação japonesa, decorrente dos desastres naturais recentes, tornou mais difícil a recuperação da terceira maior economia do mundo. Finalmente, por ironia do destino, os conflitos no norte da África e Oriente Médio, responsáveis por parte da alta recente dos preços petróleo, ocorrem simultaneamente à fatalidade do vazamento de radiação das usinas nucleares japonesas, ampliando as dúvidas quanto às questões energéticas futuras.

Diante de um cenário cada vez mais complexo, a repetição *ad nauseam* do mesmo receituário ao longo dos anos mostrou que a persistência, paciência e sangue frio têm seu alcance, mas também suas limitações. Diante de um IPCA rebelde, há que se usar da força de um aperto monetário para se evitar o pior. Mas da forma como funciona hoje, a inflação está programada para dar pelo menos duas vezes mais más notícias do que boas. Por inércia, os bens e serviços ao consumidor garantem, na partida, um pedaço importante dos 4,5% contratados para o IPCA do ano. Os preços dos alimentos, muito mais sensíveis a eventos de oferta que a de demanda, acabam funcionando como fiel da balança. Se o tempo ajudar, celebra-se o resultado com champanhe. Se não houver surpresas, dá para tomar um chopp. Quando a natureza se vinga, no máximo toma-se um chá de boldo.

As raízes da inflação são muitas e profundas. Está cada vez mais evidente que a controle da inflação no Brasil depende de ações que vão além do escopo de atuação do Banco Central. Resumir a vigília às ações de política monetária é uma forma simplista, tediosa e improfícua de tratar a questão. Por mais que tenha acenado por ajuda, o Banco Central foi largado a sós na mata urbana. Quem sabe há boitatá por lá? Mas banqueiro não é gente de acreditar em lenda de boitatá, essa coisa do folclore nacional. Além disso, caso existisse um similar nacional, apareceria nas ruas botando fogo pelas ventas, mas não voaria como um dragão o faz. Porém, estão acontecendo tantas coisas esquisitas ultimamente que o Banco Central poderia duvidar um pouco de suas firmes convicções. Vai que o boitatá existe? Talvez os sacis e a cuca tenham lhe dado asas, como as bruxas lá de cima fizeram com o lagarto que assopra fogo pelas fuças.

Um dia, o presidente Tombini, em casa, curtindo um merecido descanso em uma bela rede, que havia sido presente de um colega cearense, ouvia seu baião predileto, Maria Baiana, quando solveu os versos: “não se pode dar asa a cobra; que ela voa e morde a gente.” Dormiu profundamente e sonhou com o boitatá solto pelas ruas...

Maria Baiana

Luíz Gonzaga

Composição : (João Silva e Zé Mocê)

Maria Baiana

Pra donde tu vai?

Maria Baiana

Vá levando o que é seu

Vai deixando o que é seu

Vai deixando o que é meu

Ou daqui você não sai } bis

Que danado deu em você

Que mudou tão de repente?

Não se pode dar asa a cobra

Que ela voa e morde a gente

Pegue todos os seus direitos

Deixe o fole, o tamborete, o candieiro } bis

Que o resto eu aproveito

Robério Costa – Economista Chefe

Roberta Costa – Economista Senior

Sérgio Koenow - Estagiário